

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES
VENDIDOS EM TODO O MUNDO

"Finalmente – um best-seller que toca o
coração... repleto de sagas de família, amores
condenados e segredos devastadores."

The Observer

a ilha

VICTORIA HISLOP

Esse romance de vidas e paixões intensas desdobra-se no cenário do Mediterrâneo do início do século XX, passa pela Segunda Guerra Mundial e chega ao nosso tempo. A ilha é uma história de desejos, de segredos desesperadamente escondidos e do estigma de uma doença sobre quatro gerações de uma família inesquecível.

Prestes a fazer uma escolha crucial, Alexis Fielding ansiava por conhecer o passado de sua mãe, Sofia, que nunca falava sobre sua origem. Tudo o que admitia era ter sido criada em Creta antes de se mudar para Londres. No entanto, quando Alexis decide visitar a Grécia, Sofia lhe entrega uma carta endereçada a uma velha amiga, e garante que, desse modo, a filha poderá saber mais.

Ao chegar ao vilarejo de Plaka, em Creta, a jovem surpreende-se com o fato de que bem diante do local, na distância de uma curta travessia de barco, ergue-se a deserta ilha de Spinalonga - sede da antiga colônia de leprosos da Grécia, desativada. Depois de ser recebida pela grande companheira da mãe, Alexis descobre a história enterrada por Sofia por toda a vida: a trajetória de gerações devastadas pela tragédia, pela guerra e pela paixão. Assim, ela compreende por que está intimamente ligada àquela ilha, e como um segredo dominou toda a história do clã dos Petrakis.

Para minha mãe, Mary

Com agradecimentos especiais ao Museu da Ilha de Spinalonga, ao professor Richard Groves, do Departamento de Dermatologia Acadêmica do Imperial College (Londres), à dra. Diana Lockwood da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, The Leprosy Mission, LEPR

*A ilha de Spinalonga, no litoral norte de Creta,
foi a principal colônia grega de leprosos de 1903 a 1957.*

Plaka, 1953

Um vento gelado fustigava as ruas estreitas de Plaka, e o frio do ar de outono rodeava a mulher, paralisando seu corpo e sua mente com uma dormência que quase lhe aniquilava os sentidos, mas não aliviava em nada sua tristeza. Ao atravessar cambaleando os últimos poucos metros que a separavam do embarcadouro, ela se apoiou pesadamente no pai, e seu andar lembrava o de uma velha, para quem cada passo causava uma pontada de dor. No entanto a dor não era física. Seu corpo era tão forte quanto o de qualquer outra moça que houvesse passado a vida respirando o ar puro de Creta, e a pele era tão jovial e os olhos de um castanho tão intenso e brilhante quanto os de qualquer garota da ilha.

O pequeno barco oscilava e balançava no mar, desequilibrado pelo peso do carregamento de pacotes de tamanhos diversos, amarrados uns aos outros com barbante. O homem mais velho embarcou com cuidado e enquanto tentava com uma das mãos manter o barco firme estendeu a outra para ajudar a filha. Depois que ela estava em segurança a bordo, envolveu-a de forma protetora com um cobertor para protegê-la do frio e do vento. A única indicação visível de que ela não era apenas mais um item do carregamento eram as longas madeixas de cabelo castanho-escuro que esvoaçavam e dançavam livremente ao sabor do vento. Ele soltou com cuidado as amarras que prendiam a embarcação — não havia mais nada a dizer nem a fazer —, e começaram a viagem. Não era o início de uma travessia curta para entregar mantimentos. Era o início de uma jornada sem volta para uma vida nova. A vida em uma colônia de leprosos. A vida em Spinalonga.



Parte

1

Plaka, 2001

Liberta da amarra, a corda voou pelo ar e respingou gotas de água salgada no braço da moça. Estas logo secaram, e enquanto o sol e um céu sem nuvens a castigavam, ela percebeu que sua pele estava coberta com desenhos intrincados de cristais salgados, como uma tatuagem feita de diamantes. Alexis era a única passageira no barco pequeno e deteriorado, e, à medida que ele resfolegava para longe do cais em direção à ilha deserta e despovoada à sua frente, estremeceu ao pensar em todos os homens e mulheres que haviam feito aquela viagem antes dela.

Spinalonga. Brincou com a palavra, fazendo-a rolar pela língua como se fosse um caroço de azeitona. A ilha estava bem à sua frente, e enquanto o barco chegava cada vez mais perto da grande fortificação veneziana que dava para o mar, ela pôde sentir tanto a força do passado daquele lugar quanto a sensação do que ele ainda significava no presente. Aquele, pensou, talvez fosse um lugar onde a história ainda estivesse morna, e não fria como pedra, onde os personagens fossem reais, e não míticos. Que diferença dos antigos palácios e lugares pelos quais havia passado nas últimas semanas, meses — anos, até.

Alexis poderia ter passado mais um dia percorrendo as ruínas de Cnossos, imaginando a partir de seus fragmentos pedregosos como fora a vida ali quatro mil anos atrás. Nos últimos tempos, porém, vinha se dando conta de que aquele era um passado tão remoto que praticamente se perdia além do alcance de sua imaginação, e sem dúvida além do que julgava importante. Embora fosse formada em arqueologia e trabalhasse em um museu, sentia que seu interesse por esse assunto estava diminuindo a cada dia. Seu pai era um acadêmico apaixonado pelo tema e, de um jeito infantil, ela simplesmente crescera acreditando que seguiria seus passos na poeira. Para alguém como Marcus Fielding não havia civilização demasiado distante no passado a ponto de não despertar seu interesse, mas, para Alexis, agora com vinte e cinco anos, a simples pedra pela qual havia passado na estrada naquele mesmo dia era bem mais real e relevante para sua vida do que o Minotauro no centro do legendário labirinto de Creta jamais poderia ser.

O rumo de sua carreira no entanto não era, naquele momento, a questão mais premente de sua vida. Mais urgente era seu dilema em relação a Ed. Durante todo o tempo em que absorviam o calor

constante do sol de final de verão em suas férias nas ilhas gregas uma sombra foi escurecendo aos poucos um caso de amor outrora promissor. O relacionamento deles havia florescido no microcosmo de uma universidade, mas definhara no mundo exterior, e agora, três anos depois, parecia uma muda enfraquecida que não conseguira sobreviver ao ser transplantada da estufa para o canteiro.

Ed era bonito. Isso era um fato, não uma opinião. E era a beleza dele que algumas vezes a irritava mais do que tudo, ela estava certa de que isso contribuía para seu ar arrogante e sua ocasional e invejável segurança. O relacionamento começara mais ou menos na linha de “os opostos se atraem”: Alexis tinha a pele clara e os cabelos castanho-escuros, e Ed, uma aparência quase ariana, era louro de olhos azuis. Algumas vezes, porém, ela sentia que seu próprio temperamento mais impetuoso estava sendo neutralizado pela necessidade que Ed tinha de disciplina e ordem, e não era disso que ela precisava; até mesmo o pouco de espontaneidade por que ela ansiava a ele parecia uma aberração.

Muitas de suas outras virtudes, a maioria considerada uma vantagem por todos, de modo geral, haviam começado a enlouquecê-la. Para começar, sua segurança inabalável. Esta era consequência inevitável de sua absoluta certeza em relação ao que o futuro havia lhe reservado desde o instante do seu nascimento. Ed tinha um emprego vitalício em um escritório de advocacia, e os anos para ele iriam se desenrolar segundo um padrão preestabelecido de ascensão profissional e casas em locais previsíveis. A única certeza de Alexis era a incompatibilidade crescente entre os dois. À medida que as férias foram avançando, ela passava cada vez mais tempo pensando no futuro, e não conseguia ver Ed como parte disso. Nem mesmo do ponto de vista doméstico eles se entendiam. O tubo de pasta de dentes fora apertado do lado errado. A culpada disso era sempre ela, nunca Ed. Sua reação ao desleixo dela era um sintoma de sua atitude em relação à vida como um todo, e ela considerava que sua exigência de que as coisas estivessem sempre em perfeita ordem era desagradavelmente controladora. Tentava compreender sua necessidade de ordem, mas se ressentia da crítica velada à maneira um pouco caótica como ela levava a própria vida, muitas vezes lembrando que era no escritório escuro e bagunçado do pai que se sentia em casa, e que o quarto de seus pais, decorado pela mãe com paredes claras e aparência bem-arrumada, lhe dava calafrios.

Tudo sempre acontecia segundo a vontade de Ed. Ele era um dos vencedores da vida: sempre o primeiro da turma, sem fazer o

menor esforço, e o melhor aluno da escola ano após ano, sem ninguém para ameaçá-lo. O menino perfeito. Seria doloroso ver aquele universo desmoronar. Havia sido criado para acreditar que o mundo era sua ostra, mas Alexis começara a perceber que não podia ficar enclausurada lá dentro. Será que conseguiria de fato abrir mão de sua independência para morar com ele, embora parecesse óbvio que era isso o que devia fazer? Um apartamento meio cafona alugado em Crouch End *versus* um elegante apartamento próprio em Kensington — seria loucura abrir mão deste último? Apesar de Ed achar que iriam viver juntos no outono seguinte, havia perguntas que ela precisava fazer a si mesma: de que adiantava morar com ele se não tinha intenção de se casar? E será que ele era mesmo o homem que queria como pai de seus filhos? Essas incertezas vinham rondando sua mente havia semanas, meses até, e mais cedo ou mais tarde ela teria de criar coragem para tomar uma atitude a respeito. Ed falava tanto, estava sempre tão ocupado com a organização e a administração daquela viagem, que mal parecia perceber que os silêncios dela ficavam cada dia mais longos.

Esta vez era muito diferente das férias que havia passado na Grécia nos tempos de estudante, quando ela e as amigas eram totalmente livres e iam de uma ilha para outra e nada, a não ser os caprichos, ditava a rotina de seus longos dias inundados de sol; decisões sobre qual bar visitar, em que praia ir e quanto tempo permanecer em cada lugar eram tomadas no cara ou coroa, com uma moeda de vinte dracmas. Era difícil acreditar que a vida tenha sido assim tão descontraída. Essa viagem de agora era tão cheia de conflitos, discussões e questionamentos... era um combate que começara muito antes de ela pôr os pés em solo cretense.

Como é possível eu estar com vinte e cinco anos e não ter *a menor ideia* em relação ao futuro?, perguntava-se enquanto fazia as malas para a viagem. Aqui estou eu, em um apartamento que não é meu, prestes a tirar férias de um emprego do qual não gosto, com um homem que não amo. Qual é o meu problema?

Quando sua mãe, Sofia, tinha a mesma idade, já estava casada havia muitos anos e tinha dois filhos. Que circunstâncias haviam-na feito amadurecer tão cedo? Como ela conseguiu ter uma vida estável quando Alexis ainda se sentia tão criança? Se conhecesse melhor a atitude da mãe em relação à vida, talvez isso a ajudasse a tomar as próprias decisões.

Sofia, no entanto, sempre fora extremamente fechada em relação ao seu passado e ao longo dos anos sua discrição havia se

transformado em uma barreira entre ela e a filha. Alexis considerava uma ironia que o estudo e a compreensão do passado fossem tão incentivados em sua família ao mesmo tempo em que lhe proibiam de examinar profundamente a própria história; essa sensação de que a mãe escondia alguma coisa dos filhos deixava uma sombra de desconfiança. Sofia Fielding parecia não apenas ter enterrado suas raízes, mas também ter pisoteado a terra que as cobria.

Alexis tinha apenas uma pista em relação ao passado da mãe: um retrato de casamento desbotado, que ficava na mesa-de-cabeceira dela, até onde se lembrava, com uma moldura de prata de desenho rebuscado e gasta de tanto ser polida. Quando era bem pequena e usava o colchão grande e grosso dos pais como trampolim, a imagem do casal sorridente, mas um tanto rígido, do retrato, pulava para cima e para baixo na sua frente. Algumas vezes ela perguntava à mãe sobre a linda mulher de roupa rendada e o homem grisalho de traços marcantes. Quais eram seus nomes? Por que ele tinha os cabelos grisalhos? Onde estavam agora? Sofia sempre dava a mais breve das respostas: eram tia Maria e tio Nikolaos, tinham morado em Creta, e ambos já haviam morrido. Na época, essa informação era suficiente para Alexis — mas agora precisava saber mais. Mais do que tudo, era o *status* daquela fotografia — a única em porta-retrato de toda a casa, com exceção da que a mostrava ao lado do irmão mais novo, Nick — que a deixava intrigada. Aquele casal, evidentemente, havia sido importante na infância da mãe, e no entanto Sofia sempre pareceu relutante em falar a respeito. Na verdade, era mais do que relutância: era uma recusa obstinada. À medida que Alexis foi crescendo, aprendeu a respeitar o desejo de privacidade da mãe — tão intenso quanto seu próprio instinto adolescente de se trancar no quarto e evitar qualquer comunicação. Mas agora não tinha mais idade para isso.

Na véspera do dia em que sairia de férias, foi à casa dos pais, uma casa geminada em estilo vitoriano, que ficava numa rua tranquila de Battersea. A família mantivera a tradição de comer na taberna grega do bairro antes de Alexis ou Nick partirem para mais um semestre na universidade ou para alguma viagem ao exterior, mas naquela vez o motivo da visita de Alexis era outro. Ela queria o conselho da mãe sobre o que fazer com Ed, e, tão importante quanto isso, queria lhe fazer algumas perguntas sobre o próprio passado. Alexis chegou uma hora adiantada, decidida a tentar fazer com que a mãe abrisse a guarda. Qualquer informação que fosse já seria boa.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

